



O Imperador da Atlântida

Revista de Imprensa
17-02-2009

1 - Expresso, 07-02-2009, CDs	3
2 - Público, 06-02-2009, Pela Alemanha	6
3 - Sic Online.pt, 06-02-2009, Legado de Hitler recordado em ópera, cinema, exposições e conferências	10
4 - Público.pt, 05-02-2009, A arte vence o nojo?	11
5 - Diário dos Açores, 04-02-2009, Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências	13
6 - País Positivo.org, 04-02-2009, Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências no CCB	14
7 - Renascença.pt, 04-02-2009, "Nazismo e Cultura" no CCB	15
8 - RFM Online.pt, 04-02-2009, "Nazismo e Cultura" no CCB	16
9 - Diário Digital.pt, 03-02-2009, CCB: Nazismo «pode voltar», diz João Paulo Cotrim	17
10 - Diário Digital.pt, 03-02-2009, CCB: Ciclo «Nazismo e Cultura» arranca quinta-feira	18
11 - Expresso.pt, 03-02-2009, CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências (c/áudio)	19
12 - Expresso.pt, 03-02-2009, CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim (c/áudio)	20
13 - Lusa.pt, 03-02-2009, CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências	21
14 - Lusa.pt, 03-02-2009, CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim	22
15 - Página 1, 03-02-2009, Ciclo "Nazismo e Cultura" até Março	23
16 - Público.pt, 03-02-2009, Lisboa: ciclo "Nazismo e Cultura" começa na quinta-feira no CCB	24
17 - RTP Online.pt, 03-02-2009, CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim	26
18 - RTP Online.pt, 03-02-2009, CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências	27
19 - Sic Online.pt, 03-02-2009, Ciclo "Nazismo e Cultura" no CCB até 1 de Março	28
20 - Sol.pt, 03-02-2009, Ciclo 'Nazismo e Cultura' inclui ópera, cinema, exposições e conferências	29
21 - Público.pt, 02-02-2009, O Imperador de Atlantis	30
22 - Público.pt, 30-01-2009, O Imperador de Atlantis	31
23 - Público.pt, 30-01-2009, O Imperador de Atlantis	32
24 - Público.pt, 28-01-2009, O Imperador de Atlantis	33



música



MEIO DISCO

Os Quais

Amor Fúria/
Mbari



NA TOCA do MySpace, anunciam "seis canções que rockam-popam-dançam em cima do tempo, sem medos, desabitualmente. Fundar o mundo em Portugal, imaginar um sotaque do meio-do-Atlântico". No Bl e no cartão de contribuinte constam como Jacinto Lucas Pires, escritor, e Tomás Cunha Ferreira, professor e pintor. "Meio Disco" (designação apropriada para o que, quando ainda existiam discos, se designava por EP, no caso, com seis faixas), é editado pela Amor Fúria, o que, a fazer fé na taxonomia do pastor-irmão Tiago Guillul, indicia a emergência de uma parceria de perfil católico, baptizada, digamos assim, a partir de uma tradução literal de The Who. Em termos mais terrenamente agnósticos, assegure-se que começam muito bem com o belo balanço eléctrico a acompanhar as palavras "Não me olhes assim, vamos comer carne, mas com nomes falsos, vamos pelo jardim pisar obras de arte, mas com pés descalços", prosseguem em óptimo andamento piscando repetidamente o olho ao Caetano Veloso de "Cê" (parente próximo do outro do Tropicalismo) e concluem bravamente num improvável matrimónio dos Clash com o espírito de John Coltrane (via Carlos Martins) e um poema de José Tolentino de Mendonça. O disco inteiro promete. **J.L.**



THE BEST OF MR BONGO

Vários

2 CD Mr Bongo/
Multidisc



HÁ COISAS que não se devem tomar à letra. Não será por acaso que a própria editora — nas *liner notes* — prefere "the choicest" para se referir a esta viagem por um catálogo que reflecte as sucessivas inclinações dos melómanos londrinos em matéria de *groove*.

E, quer porque a lendária loja abriu as portas quando Gilles Peterson ainda se despedia da adolescência e os Working Week enchiam os ares do Soho, quer porque os caçadores locais do ritmo perdido nunca se distinguiram do herói de 'Papa Was a Rollin' Stone', esta celebração de 20 anos de vida adquire outro significado: o de uma revisão das diferentes fases da "febre colectiva" capaz de valer como manual sobre os mil cambiantes da deriva física do espírito rendido ao prazer da música. Começa na versão definitiva de 'Apache' (Incredible Bongo Band) e termina na luz do génio de 'Nebulosa' (Tenório Jr.). E, pelo meio, do soul-samba (Joyce) ao funk (Labi Siffre), de Cuba (Beny Moré) a África (Lekan Babalola), do jazz-soul (Mr Hermano) ao psyche-folk (Lula Côrtes & Zé Ramalho) e da vaga mutante (Marcos Valle) ao house (Dimitri From Tokyo), nada esquece para melhor semear a felicidade na Terra.

RICARDO SALÓ



4TH

DIMENSION

Jimi Tenor

& Kabu Kabu

Sähkö/Symbiose



COMEÇA entre o Art Ensemble of Chicago à saída do Maio de 68 e Sun Ra em genuflexão diante das pirâmides do Egipto. Para terminar como Fela Kuti em maré de *jam* na noite de Lagos de 1975. E, ao longo de uma hora, sobra-lhe tempo para manifestar uma veia melómana (do heavy-rock à *field recording*, com a electrónica *sci-fi* de permeio), da qual, por fim, emergiu uma sólida escrita de autor. Mas, no essencial, a nova acção prolonga a de "Joystone". E, por isso, não há impressão do primeiro encontro deste noneto finlandês com o trio de ex-cúmplices de Fela que não se aplique a esta sessão. Ou seja: o intercâmbio de ideias e a dinâmica de contaminação mútua voltam a ser o trunfo que atenua o peso histórico do afro beat como factor de submissão estética. Do mesmo modo, *beside*, ainda, na

subtileza e na fluidez de uma linguagem complexa (porque, não obstante a proeminência da matriz rítmica africana, do cruzamento de dois mundos se trata) a prova cabal do êxito da operação. Talvez a melodia pop já vacile perante a fúria dos ventos de África. Mas a capacidade — bebida no jazz pós-free — de exploração em profundidade dos novos cenários deixam Tenor (e, com ele, Europa e África) no limiar da utopia inscrita no título. **R.S.**



LIVE IN STOCKHOLM

77

Bengt Berger

& Kjell

Westling

Country & Eastern



O TÍTULO valoriza o momento. Mas a história deverá ocupar-se da qualidade e menos da cronologia. E numa arte de poemas há quem aspire ao longo mergulho na prosa, revelando o tempo certo daquilo que a contingência abreviou. A estes suecos, que com Don Cherry em "Organic Music Society" ou "Eternal Now" fizeram corar décadas de teoria antropológica, não haverá antologia que valha. Até porque toda a sua obra, por definição, é uma. E a combinação do jazz espiritual com a tradição escandinava nos Arbete Och Fritid, o ar do deserto nos Spjårnsvallet ou a percussiva exploração da noite tropical em síncrona filiação na música clássica indiana dos Archimedes Badkar têm aqui renovada pertinência. A crua síntese desta realidade filha dos anos 70 — gravada para a ECM em 1981 por uma Bitter Funeral Beer Band tutelada por Berger e Cherry mas permeável ao pulsar de uma aldeia africana — escancarou portas em vez de as fechar. Por tudo isto, é apenas natural que hoje, em *countryandeastern.se*, Berger revele as peças que faltam: concertos da Beer Band de meados de 80, música fúnebre do Ghana, o mestre do sarod K. Sridhar e, claro, estes diálogos de sax e bateria que reduzem o mundo a um belo instante.

JOÃO SANTOS



AFRO BOP ALLIANCE
Caribbean Jazz Project
Heads Up/
Andante



NÃO é a primeira vez que aqui se fala do Caribbean Jazz Project. Um grupo que aposta nos vibrantes ritmos afro-cubanos abordados dum ângulo tremendamente jazz. O núcleo, nas obras que até à data conhecíamos, era constituído pelo subavaliado vibrafonista e marimbista Dave Samuels, o flautista Dave Valentin, o baterista Mark Walker e, algumas vezes, Paquito D'Rivera no saxofone. Desta feita, num CD dedicado a sons mais amplos, só está Dave Samuels. Diga-se que esta obra, onde Samuels é o principal solis-

ta, conta com excelentes músicos, na maioria desconhecidos, que tocam música de grande orquestra com uma afinação e entusiasmo muito recomendável. Claro que para amantes de sons de vibrafone mergulhados em ritmos afro-latinos, ainda por cima alavancados por metais e palhetas, o CD é um regalo. Os arranjos, quase todos da autoria de Samuels, são um prazer: sem complicações, efectivos. 'Naima', 'Bemsha Swing' e o delicioso 'Stolen Moments' nada ficam a dever às versões mais conhecidas, sobretudo este último tocado num ritmo em 7/4 arrasador. As outras peças, como o famoso 'Soul Sauce' (popularizado pelo grande Cal Tjader sobre um tema de Gillespie), funcionam na perfeição. Julgo que é difícil não sentir o corpo balançar com esta boa música.

RAUL VAZ BERNARDO



MENDELSSOHN:
CONCERTO PARA VIOLINO



OP. 64, SONATA, TRIO OP. 49
Anne-Sophie Mutter, Masur,
Orquestra Gewandhaus
de Leipzig, Previn, Harrell
CD + DVD Deutsche
Grammophon/Universal

COM a Filarmónica de Berlim dirigida por Karajan, a violinista alemã já tinha gravado o popular concerto de Mendelssohn em 1980. Associando-se à celebração do bicentenário do nascimento do compositor (ocorrido em Hamburgo a 03/02/1809), Mutter regressa à obra após décadas de decantação e aprofundamento; seduzindo com uma admirável

plenitude sonora. Para enfatizar o contexto histórico, gravou o concerto em Leipzig, a cidade onde Mendelssohn viveu e trabalhou durante 12 anos. Fê-lo ainda com a Gewandhaus de Leipzig, dado que o músico escreveu a peça para ser estreada com essa orquestra em 1845. Ferdinand David, o seu concertino mais famoso, foi o violinista para quem o concerto foi concebido. Aliás, as três peças aqui interpretadas foram todas estreadas por David. O violoncelista Lynn Harrell e André Previn, o ex-marido de Mutter, foram convocados para a gravação do trio onde reina um ideal equilíbrio entre melodia, harmonia e transparência. O documentário filmado em Leipzig e as entrevistas a Masur e a Mutter permitem decifrar regiões do génio multifacetado de Mendelssohn.

ANA ROCHA

VIKTOR ULLMANN: "DER KAISER VON ATLANTIS"

Baeta, Correia, Oliveira, Boléo, Cardoso de Menezes, Alves, Jean Sébastien Béreau (d), João Maria de Freitas Branco (enc)
CCB, Lisboa, hoje, 21h, amanhã, 16h

A ÓPERA foi composta em 1944 e apresentada em 1975. Mantêve-se na sombra 30 longos anos, ou no silêncio cerrado de um luto. Viktor Ullmann concebeu-a quando a Europa desabava na barbárie, quando a ele próprio, conduzido ao campo de concentração de Terezín, só lhe restava escrever. "Der Kaiser von Atlantis", com libreto de Peter Kien, teve como contexto essa prisão de propaganda onde altas personalidades da cultura eram estimuladas a criar "livremente" enquanto o extermínio se mantinha como pano de fundo. A ópera, encomendada pelas SS, acabou por não estrear devido ao seu teor antinazi (era notória a semelhança entre o Imperador e Adolf Hitler). O compositor foi enviado, junto com o libretista e os músicos envolvidos, para Auschwitz-Birkenau, onde morreu numa câmara de gás. No âmbito do ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", que decorre no CCB até 1 de Março, haverá duas apresentações de "Der Kaiser..." apadrinhadas, traduzidas do original alemão e encenadas por João Maria de Freitas Branco. (No final dos espectáculos, o encenador e a historiadora Irene Pimentel conversam com o público.) A direcção musical pertence a Jean Sébastien Béreau, à frente da Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera, sendo o elenco composto por Rui Baeta (Kaiser), Pedro Correia, João de Oliveira, Madalena Paiva Boléo, Teresa Cardoso de Menezes e Mário João Alves. A ideia geral é "intranquilizar o espectador", como resume João Maria de Freitas Branco no texto do programa. Intranquilizá-lo dando-lhe um envolvimento cénico que evoque "as condições objectivas em que a obra surgiu". Para o encenador, é determinante que o espectador seja "levado a olhar para os cantores-actores não só como personagens mas como prisioneiros de Terezín".

LUCIANA LEIDERFARB

**CHERUBINI: "MÉDÉE"**

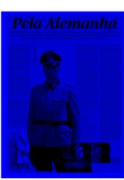
Tamar, Woodrow, Schmeckenbecher, Pretorian, Grigorian, Freitas (rec), Coro e Orq. Guilbenkian, Foster (d)

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, dia 1

O PROBLEMA não é saber quem teve a ideia peregrina de intercalar textos (em português) da "Medeia" de Séneca na "Médée" (1797) de Luigi Cherubini (1760-1842), o quase exacto contemporâneo de Mozart que viveu mais 50 anos que o génio de Salzburgo. (O libreto de François-Benoît Hoffmann deriva da tragédia de Corneille, por sua vez inspirada na "Medeia" de Eurípides; de Séneca, **tem pouco**.) O problema é ninguém se ter apercebido que a experiência estava condenada ao desastre. Mutilada de diálogos ou recitativos, cortada e retalhada, enxertada de corpos estranhos, a obra-prima de Cherubini transformou-se num monstro de Frankenstein — uma trapalhada dramática que arrasou a sua esplêndida arquitectura (neo)clássica. Um exemplo: a grande entrada de Médée, a três quartos do 1º acto, fica comprometida porque nessa altura já estamos fartos de ouvir a "outra" Medeia (portuguesa). Isto não impede que se reconheça a oralidade plástica da tradução de Séneca (a partir do francês), de Luís Lima Barreto, nem o talento, um tanto *poussé*, de Manuela de Freitas como recitante. Pertencem, porém, a outro universo. Pobre da protagonista — o esplêndido soprano georgiano Iano Tamar — que teve de arrostar não só com a infidelidade de Jason e a prepotência de Creonte, **mas também** com o seu alter ego português. O concerto tornou-se um duelo desigual entre as duas Medeias, assim se evaporando a tensão dramática interna da ópera. O outro equívoco foi uma formação orquestral demasiado opulenta para uma obra que anseia pelas sonoridades dos instrumentos de época. Infelizmente, neste caso, o maestro Lawrence Foster foi atraído pelo seu pendor para a grandiloquência. Reconheço, porém, que dentro dos per-

versos parâmetros escolhidos, a Orquestra e o Coro estiveram bem, principalmente no III acto, a começar pelo seu incrível e tempestuoso prelúdio (páginas revolucionárias na história da ópera). Exceptuando a menos que medíocre Dircé de Eliana Pretorian, com a sua voz estridente, mal formada, e uns agudos derrapantes (o público, coitado, deu-lhe as palmas que negou aos melhores intérpretes), o elenco era respeitável em qualquer lado. Fiquei sem perceber se Tamar será uma grande Medeia no palco. A voz é boa e robusta, os agudos lancinantes quanto baste (importante nesta ópera), mas nas circunstâncias de pára-arranca em que teve de actuar era impossível que a interpretação nos agarrasse. Notei algumas coisas muito bem feitas, por exemplo, um "Eh bien! je m'y sou mets pour que tout m'abandonne" subtilmente cantado; todo o Final e ária foram, também, muito bem fraseados. O seu francês, porém (tal como o da maior parte dos outros cantores) era execrável. O veterano Alan Woodrow — um dos Tristões de Sellars/Viola/Salonen — ainda tem a tessitura para o estrênuo papel de Jason, mas os agudos soam demasiado metálicos, sem lustro (não é ferrugem, é falta de óleo). Que pena não terem segurado Johan Botha (que interveio nas outras duas óperas do ciclo)! Jochen Schmeckenbecher provou novamente a sua classe, mas o papel de Créon requer a gravidade dum baixo, não um barítono. Excelente a Nérís de Stella Grigorian, comvente na ária "Ah! nos peines seront communes", acompanhada a fagotes. O problema, hoje, de qualquer "Medeia" são os espectros das interpretações paradigmáticas da sua versão italiana (a que foi apresentada em São Carlos, com a Theodossiou, em 2004): Callas, Vickers, Scotto, Berganza, Ghiaurov. Também recomendo as gravações de Inge Borkh (sob a direcção de Gui, na Gala) e Rysanek (RCA). Quanto à versão original francesa, ouviu-se em Covent Garden com a Plowright (Médée) e a Fleming (Dircé), em 1989.

JORGE CALADO



Pela Alemanha

Nos últimos anos tornou-se conhecida a história dos oficiais alemães que resistiram aos nazis. Homens como Claus von Stauffenberg, que sacrificaram tudo para tentar assassinar Hitler. "Valquíria", o filme, conta a história dele. *Alexandra Prado Coelho*

Cinema

"Estou envolvido em alta traição por todos os meios ao meu dispor", dizia. Claus von Stauffenberg não era homem de meias-palavras. Nem de meias-acções. E há muito que tomara a sua decisão: Hitler tinha que ser morto. O futuro da Alemanha dependia disso.

Quando vários oficiais alemães envolvidos em diversas tentativas para assassinar o Führer começavam a desespear com os sucessivos falhanços, Stauffenberg foi o homem certo no momento certo. Tornou-se o protagonista de um dia alucinante - 20 de Julho de 1944 - em que a (até agora ignorada) resistência interna alemã esteve a ponto de derrubar o regime nazi.

Nesse 20 de Julho de 1944 em que a História poderia ter mudado cada minuto contou. Tom Cruise tem dito em várias entrevistas que, quando Bryan Singer lhe deu o argumento de "Valquíria", convidando-o para fazer de Stauffenberg, não conseguiu parar de ler. "Valquíria" é (também) um "thriller". Uma corrida contra o tempo em que Stauffenberg, um dos poucos oficiais com acesso directo a Hitler, consegue deixar uma mala com explosivos aos pés do ditador. O Terceiro Reich poderia ter acabado ali. Mas algo não correu de acordo com o plano.

Uma decisão irreversível

Claus von Stauffenberg veio de uma infância dourada. Nas fotografias desse início do século XX, aparece, ao lado dos dois irmãos, vestidos de igual, camisa com gola branca que lhes cobre os ombros, calções, meias brancas, sapatos com fivelas, três pequenos príncipes. Conta-se que quando conheceu os três filhos do conde Alfred Schenk von Stauffenberg e da condessa Carolina von Stauffenberg, o poeta Rainer Maria Rilke ficou encantado com os três rapazes e previu-lhes futuro brilhante.

"Devoram romances ingleses



e montam peças de teatro", escreveu Irina de Chikoff sobre os jovens Stauffenberg, num número especial da revista "Le Figaro" sobre a Operação Valquíria. "Recentemente fizeram 'Júlio César', de Shakespeare. Claus era Lucius. Mas amam sobretudo a música. Por vezes, os rapazes dão, para os pais e alguns amigos íntimos, um concerto. Berthold ao piano. Alexander toca violino. E Claus é o violoncelista. Fala mesmo em tornar-se um virtuoso ou um compositor". Estávamos em 1907 e a guerra - qualquer uma delas - ainda vinha longe.

Mais tarde, já depois da I Guerra, os irmãos Stauffenberg entraram no círculo do poeta Stefan George, figura que marcaria Claus. Conta Chikoff que quando se tornou um jovem oficial do Reichswehr, o Exército alemão da República de Weimar, Claus repetia para si próprio os versos de Stefan George: "Serei o soldado das guerras justas, / Redentor do mundo, / Serei o teu servidor e o teu cavaleiro".

Criado nos valores da pátria, da honra, na herança do velho Exército prussiano, Claus assistiu entre o curioso e o céptico à ascensão de Hitler e do Partido Nazi. No entanto, em 1933, segundo Chitoff, ele ainda não partilhava do "desprezo [...] da maior parte dos aristocratas das antigas gerações pelo líder nacional-socialista". Ainda estava disposto a dar o benefício da dúvida ao homem que parecia oferecer ao povo alemão uma nova espe-

Criado nos valores da pátria, da honra, na herança do Exército prussiano, Claus assistiu entre o curioso e o céptico à ascensão de Hitler e do Partido Nazi

rança para sair da humilhação da derrota na I Guerra.

Mas a barbárie da Noite de Cristal, entre 9 e 10 de Novembro de 1938, com a destruição das sinagogas e a perseguição dos judeus, foi, para Claus, um ponto de viragem. "Sou um soldado. Sirvo o meu país. Mas ao servir o meu país traí a minha consciência". E toma uma decisão irreversível. Um oficial que o conheceu na época diz que ele "há muito rejeitara qualquer luta interior: sabia que a sua causa era justa, mesmo se um dia a História o tomasse como traidor".

Tal como ele, outros oficiais do Exército alemão estavam a chegar às mesmas conclusões. Quando Claus voltou à Alemanha, depois de ter sofrido, na Tunísia, ferimentos que lhe custam uma mão, dois dedos da outra, e um dos olhos, o seu caminho fê-lo cruzar-se com estes homens - figuras como o general Henning von Tresckow (Kenneth Branagh, no filme), que considerava Hitler "o maior criminoso", o general Friedrich Olbricht (Bill Nighy), ou o coronel Mertz von Quirnheim (Christian Berke).

Já tinha havido outras tentativas de assassinar Hitler, sempre falhadas. Desta vez, Stauffenberg tornou-se personagem central de uma complicada conspiração. Foi sua a ideia de usar a Operação Valquíria, criada pelo próprio regime para ser desencadeada em caso de assassinio de Hitler. O plano que propôs era arriscado: matar o Führer, fazendo crer que fora um golpe das SS, a sua guarda pretoriana. A partir do momento em que sua morte fosse anunciada, seria desencadeada a Operação Valquíria, que, através da mobilização imediata do exército na reserva, permitiria aos golpistas tomar Berlim e assumir o governo da Alemanha.

Foi o próprio Stauffenberg, acompanhado pelo seu ajudante-de-campo, Werner von Haften, que levou a bomba até Hitler. A oportunidade: uma reunião na Toca do Lobo, com as chefias militares mais importantes. Mas, como lembra no filme o general Ludwig Beck, "nunca nada corre segundo o plano". E foi assim mais uma vez. Por causa do calor que se fazia sentir nesse 20 de Julho de 1944, a reunião foi transferida do "bunker" para um pavilhão com janelas.

Stauffenberg conseguiu entrar →



Tom Cruise e o verdadeiro Claus von Stauffenberg

O Terceiro Reich poderia ter acabado no dia 20 de Julho de 1944



← com a bomba, colocá-la junto de Hitler e voltar a sair da sala a tempo de evitar ser atingido pela explosão. Mas a carga explosiva, que deveria ter um efeito devastador no interior do “bunker”, num espaço com aberturas não teve o impacto esperado. Stauffenberg saiu convencido de que Hitler tinha morrido - e foi isso que garantiu aos seus companheiros quando regressou a Berlim. A Operação Valquíria foi lançada e, durante algumas horas, tudo parecia estar a correr segundo o plano.

Mas Hitler não morreu. E conseguiu fazer passar as suas contra-ordens. O plano de Stauffenberg falhou. E todos os que nele estavam envolvidos sabiam o que isso significava. Era um jogo de tudo ou nada.

Os oficiais que conspiraram contra Hitler eram homens que sentiam vergonha de seguir as ordens de alguém que consideravam um louco e um criminoso. Além disso, estes herdeiros das tradições e princípios do Exército prussiano consideravam o Reichswehr, e portanto a si próprios, como o garante do Estado, e viam com descontentamento a ascensão de forças paramilitares como as SS.



Guerra entre dois mundos

Era, também, uma guerra entre dois mundos. “Quando consideramos o núcleo duro dos militares operacionais e dos civis mais envolvidos na conspiração, o que chama a atenção é o facto de que os oficiais e os seus primos diplomatas que conspiram contra Hitler pertencem, na maior parte dos casos, à aristocracia”, explica Charles Daguerre num texto no mesmo número do “Figaro”. “Tinham nascido nas mesmas vilas, brincado nos mesmos castelos, tinham as mesmas tias, e tinham estado apaixonados pelas mesmas primas. Este mundo suportava mal as maneiras plebeias, ruidosas e brutais dos nazis”.

Em 1944, estes homens sabiam aquilo que já não era segredo para ninguém: a guerra estava perdida para a Alemanha. Mas resistir a Hitler tornara-se uma vontade de “escapar à ignominia de nada ter feito”. Durante muito tempo a história da resistência interna ao regime foi esquecida. A culpa alemã era colectiva e absoluta. Só há poucos anos é que o mundo percebeu que houve homens como Stauffenberg. E, finalmente, a última esperança que restou aos conspiradores quando perceberam que tinham fracassado tornou-se realidade. A frase é do general Henning von Tresckow - e é Kenneth Branagh quem a repete no filme: “Temos que agir agora [...] senão esta será sempre a Alemanha de Hitler. Temos que mostrar ao mundo que nem todos éramos como ele”.

Claus von Stauffenberg morreu, frente a um pelotão de fuzilamento, na última hora desse 20 de Julho de 1944. “Viva a sagrada Alemanha!”, gritou antes de cair.

Ver crítica de filmes págs. 35 e segs.



Leni Riefenstahl negou até ao fim a sua associação à propaganda nazi

Ciclo

Nazismo e cultura no CCB

No centro do ciclo “O Nazismo e a Cultura: Confrontações”, entre 5 de Fevereiro e 1 de Março no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, está a ópera “Der Kaiser von Atlantis” (“O Imperador de Atlântida”, composta por Viktor Ullman no campo de concentração de Theresienstadt (dias 7 e 8, pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera, na Sala Eduardo Prado Coelho). Conta a história de um homem que quer dominar o mundo pela guerra e a violência, mas que se confronta com o facto de a Morte se recusar a colaborar com ele.

O ciclo abre, dia 5, com a inauguração da exposição “Atlantikwall, arquitecturas bélicas nas praias de ocidente”, acompanhada por uma conferência do comissário Alberto Ruiz de Samaniego.

Dia 6 às 21h30, Edmundo Pedro e Aquilino Ribeiro Machado trocam “Memórias de antes, durante e depois” da II Guerra Mundial. Há ainda conferências sobre “Thomas Mann e o Nacional-Socialismo”, por Teresa Seruya (dia 7, 18h30), e sobre “O Caso Jünger” por António Mega Ferreira (dia 14, 17 horas), leituras da correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, com apresentação de João Paulo Cotrim (dia 12, 21h), e o concerto Verboten/Nicht Verboten pela Orquestra de Câmara Portuguesa (dia 15, 17h).

João Lopes comissária o ciclo de cinema (de 9 a 13, sempre às 21h), que inclui “A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl”, de Ray Müller, e “Triunfo da Vontade”, de Leni Riefenstahl.

Será

A esmagadora maioria dos intelectuais e artistas deixo São menos brilhantes p

É um momento de tensão. Em “Valquíria”, o filme de Bryan Singer, o coronel Claus von Stauffenberg está na sala de Hitler, tem na mão o “dossier” da Operação Valquíria e espera a assinatura do ditador - que estaria assim, sem o saber, a assinar a sua sentença de morte. A alteração dos planos da Operação Valquíria deveria permitir aos oficiais alemães revoltosos derrubar o regime depois de assassinar o “Führer”. Stauffenberg espera, ansioso, a decisão. Hitler faz uma pausa, olha para a capa do “dossier” onde se lê “Valquíria” (“Die Walküre” é o nome da ópera de Richard Wagner) e diz uma frase que terá ficado para a História: “Não se pode compreender o nacional-socialismo sem se compreender Wagner”.

Mas a paixão por Wagner conta apenas uma parte ínfima (e enganadora) da história da relação entre nazismo e cultura. O ciclo “O Nazismo e a Cultura: Confrontações” (CCB entre 5 de Fevereiro e 1 de Março) conta outras partes dessa história, mais complexa e contraditória - da ópera “Der Kaiser von Atlantis”, composta por Viktor Ullman no campo de concentração de Theresienstadt, até às imagens da aclamação de Hitler em Nuremberga, filmada por Leni Riefenstahl, passando pela improvável história de amor entre o filósofo Martin Heidegger e a sua aluna judia Hannah Arendt e pelo enigmático caso do escritor Ernst Jünger.

À medida que se foi tornando clara a natureza do regime nazi, a grande maioria dos intelectuais começou a abandonar a Alemanha. Para escritores, artistas e pensadores, era impossível viver num país que os perseguia, onde 20 mil livros foram queimados num auto-de-fé em 1933, e onde a cultura era vista exclusivamente como meio de propagar a ideologia nacional-socialista. Para a grande maioria deles, a situação era insustentável. Mas não para todos.

“Deixem o Jünger em paz” Ernst Jünger (1895-1998) é, para o presidente do CCB, António Mega Ferreira, “um dos casos mais fascinantes e enigmáticos”. Herói da I Guerra Mundial, foi o mais jovem oficial a receber a mais alta condecoração, a Pour le Mérite, em 1918, e durante a década seguinte ligou-se aos meios da extrema-direita alemã, escrevendo um livro, “Tempestades de Aço”, que “pode ser lido como uma exaltação da guerra”. E, no entanto, diz Mega - que, no ciclo, fará uma sessão sobre “O Caso Jünger” - “ele nunca é um nazi”, apesar de também nunca condenar publicamente a ideologia nazi. Enquanto os outros intelectuais deixavam o país, Jünger não só se manteve no Exército alemão como fez parte



Para escritores, artistas e pensadores, era impossível viver num país que os perseguia, onde 20 mil livros foram queimados num auto-de-fé em 1933, e onde a cultura era vista exclusivamente como meio de propagar a ideologia nacional-socialista. Para a grande maioria deles, a situação era insustentável. Mas não para todos



que a arte vence o nojo?

deixou a Alemanha nazi. Mas alguns - muito poucos - ficaram e, em certos casos, colocaram-se ao serviço do regime. ntes por isso? Um ciclo no CCB confronta nazismo e cultura. *Alexandra Prado Coelho*



Enquanto outros intelectuais deixavam o país, Jünger não só se manteve no Exército alemão como fez parte das forças de ocupação de França



A estreia de "O Triunfo da Vontrade" em Berlim



A realizadora, Leni Riefenstahl, no meio das bandeiras nazis na rodagem de "Triunfo da Vontade"

impossível não o saber - que Heidegger pertencera ao Partido Nazi, e que, enquanto reitor da Universidade de Freiburg, cargo que aceitou em 1933, afastara alunos judeus das suas aulas e recusava-se a falar com colegas judeus. Mas isso não a impediu, até ao fim da vida, de o defender. "Por paradoxal que pareça, a resposta pode estar mesmo no amor", acredita Cotrim. "Ela pode ter achado que [a ligação ao nazismo] foi um pecado, e que ele, como filósofo, devia viver retirado do mundo". A única explicação para entender esta relação é que "ela coloca-o fora da questão do nazismo, vendo-o como um velho filósofo por quem se apaixonou". E, assim, "o amor vence o nojo".

A perda da inocência. E será que a arte também vence o nojo? Somos capazes, ao ler as obras de Jünger e de Heidegger ou ao ver os filmes de Leni Riefenstahl, de esquecer as suas ideias e de ver apenas como excepcionais pensadores ou artistas? Mega Ferreira separa os casos. Admirador de Jünger, sente-se "agoniado" perante os filmes da mulher que não só ajudou a construir a estética nazi como se tornou, ela própria, ícone do Terceiro Reich. "São filmes horrorosamente belos. Mas, pessoalmente, não consigo ultrapassar a repulsa. Irrita-me ainda mais porque são muito bem feitos, são muito bem lidas as influências, nomeadamente as do cinema soviético dos primeiros tempos, e postas ao serviço de uma ideologia horrível como a nazi".

Não se passa o mesmo com Wagner, por exemplo. "Há uma apropriação do Wagner pelo nazismo. É evidente que há nele determinados traços, até alguns de anti-semitismo. Há, sobretudo, uma exaltação da germanidade. Mas não podemos esquecer que Hitler sobe ao poder 50 anos depois da morte de Wagner. Não acho possível tentar retrospectivamente encontrar nele as raízes do nazismo".

A música é, por outro lado, uma arte diferente do cinema ou da literatura. "Não estamos num universo com o código de leitura imediato. Gosto imenso da música de Wagner e não considero que isso corresponda a alguma espécie de mal. Os milhões de wagnerianos que existem no mundo não são nazis". A arte (a pouca verdadeira que sobreviveu à visão nazi da cultura como instrumento da ideologia nacional-socialista) estará assim - como o amor - para lá do horror? "Depois do Holocausto", lembra João Paulo Cotrim, "perdeu-se a inocência em relação ao papel da arte na sociedade. Era suposto ela fazer-nos melhores. E não é necessariamente assim".

"Depois do Holocausto perdeu-se a inocência em relação ao papel da arte na sociedade. Era suposto ela fazer-nos melhores. E não é necessariamente assim"

João Paulo Cotrim

"Não. Aos intelectuais não se pode exigir nada. Há que julgá-los e avaliá-los por diversos parâmetros, um dos quais é a exigência cívica. Mas não se lhes pode impor nada. Senão caímos nos intelectuais orgânicos, ao serviço de um partido ou de uma causa. Não se pode".

"O amor vence o nojo"

Tão - ou mais - difícil de compreender é a história de amor entre Hannah Arendt e Martin Heidegger. "Tenho mais perplexidades que respostas", confessa João Paulo Cotrim, que no dia 12 apresenta no CCB uma sessão sobre a correspondência entre o filósofo e a aluna, que viria mais tarde a tornar-se uma estudiosa do totalitarismo e uma teórica daquilo a que chamou "a banalidade do mal" a propósito, precisamente, do nazismo. "Se esta fosse apenas uma história de amor entre um professor com 35 anos e uma jovem com 18, seria igual a muitas que acontecem todos os dias nas universidades", diz. "A questão é que ela é judia, e ele tem um pensamento filosófico que se aproxima muito do nazismo puro. Ele é nazi antes do nazismo". Por improvável que isso pareça, "a questão judia só é aforada uma vez" nas cartas apaixonadas que os dois trocam durante grande parte das suas vidas - numa primeira fase no início da relação, numa segunda quando se reencontram nos anos 50 por iniciativa de Hannah e numa terceira em que a correspondência se torna mais "técnica, já no final da vida [ela, apesar de mais nova, morre um ano antes dele, em 1975]. É ela quem o procura nos anos 50 [já depois da guerra], e a paixão reacende-se quando ele volta a escrever-lhe cartas de amor extraordinárias". Hannah Arendt sabia - era

das forças de ocupação de França. "Permaneceu em Paris durante os anos da guerra e frequentou, sem visível incómodo, quer os seus camaradas de armas do Exército de ocupação, quer intelectuais como Jean Cocteau". Curiosamente foi também, durante esse período, próximo de oficiais envolvidos na Operação Valquíria - embora não haja indício de que tivesse tido conhecimento prévio dela. Jünger consegue este feito de, em 1939, quando é mobilizado

para servir na Wehrmacht, estar a escrever "Sobre as Falésias de Mármore", livro "que, uma vez publicado, é lido como alegoria crítica do nazismo". E consegue o feito maior de sobreviver no meio de tudo isto. "Quando o livro sai, conta-se que altos responsáveis nazis vão ter com Hitler e dizem-lhe que a obra tem que ser proibida, ao que ele terá respondido: 'dêixem o Jünger em paz'".

Mais tarde, já no final da guerra, quando as opiniões sobre Jünger se dividem entre os que

o defendem e os que o acusam de ter pactuado com o nazismo, mais uma vez "conta-se que terão dito ao [dramaturgo] Bertolt Brecht que era preciso denunciar o Jünger e que ele terá dito: 'Deixem o Jünger em paz'". Verdadeira ou não, a história é significativa. "A obra dele, que fala largamente sobre a tirania, é sempre lida nesta fronteira: há quem diga que foi um resistente no interior, e quem o acuse de ter pactuado com o regime".

No seu diário, enquanto escreve "As Falésias de Mármore", Jünger manifesta um desejo impossível: que o livro não seja lido como alegoria do nazismo. Terá também dito que quando o escreveu "não estava a pensar em Hitler, mas em alguma coisa mais terrível que Hitler". O livro é, para Mega Ferreira, "uma obra que está, como ele pretendia, fora do tempo". E, se o autor foi protegido, "é porque ambos os lados eram sensíveis ao facto de ele ser um extraordinário escritor".

Poderemos exigir a um intelectual que, para além de ser brilhante, seja consequente? Que os seus actos correspondam às (que imaginamos serem) suas ideias?



Como entender a história de amor entre uma judia, Hannah Arendt, e um filósofo, Heidegger, com um pensamento que se aproximava do nazismo puro?



Valquíria

Sic Online.pt , 06-02-2009

Legado de Hitler recordado em ópera, cinema, exposições e conferências

Publicação: 06-02-2009 17:22 | Última actualização: 06-02-2009 17:37

Ciclo "Nazismo e Cultura", no CCB

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

SIC

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se, sobretudo, sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

Outras propostas

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jnger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema, comissariado pelo crítico de cinema João Lopes, atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Mller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Com Lusa

Público.pt , 05-02-2009

A arte vence o nojo?

Ciclo

05.02.2009 - Alexandra Prado Coelho

É um momento de tensão. Em "Valquíria", o filme de Bryan Singer, o coronel Claus von Stauffenberg está na sala de Hitler, tem na mão o "dossier" da Operação Valquíria e espera a assinatura do ditador - que estaria assim, sem o saber, a assinar a sua sentença de morte. A alteração dos planos da Operação Valquíria deveria permitir aos oficiais alemães revoltosos derrubar o regime depois de assassinar o "Führer". Stauffenberg espera, ansioso, a decisão. Hitler faz uma pausa, olha para a capa do "dossier" onde se lê "Valquíria" ("Die Walküre" é o nome da ópera de Richard Wagner) e diz uma frase que terá ficado para a História: "Não se pode compreender o nacional-socialismo sem se compreender Wagner".

Mas a paixão por Wagner conta apenas uma parte ínfima (e enganadora) da história da relação entre nazismo e cultura. O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações" (CCB entre 5 de Fevereiro e 1 de Março) conta outras partes dessa história, mais complexa e contraditória - da ópera "Der Kaiser von Atlantis", composta por Viktor Ullman no campo de concentração de Theresienstadt, até às imagens da aclamação de Hitler em Nuremberga, filmada por Leni Riefenstahl, passando pela improvável história de amor entre o filósofo Martin Heidegger e a sua aluna judia Hannah Arendt e pelo enigmático caso do escritor Ernst Jünger.

À medida que se foi tornando clara a natureza do regime nazi, a grande maioria dos intelectuais começou a abandonar a Alemanha. Para escritores, artistas e pensadores, era impossível viver num país que os perseguia, onde 20 mil livros foram queimados num auto-de-fé em 1933, e onde a cultura era vista exclusivamente como meio de propagar a ideologia nacional-socialista. Para a grande maioria deles, a situação era insustentável. Mas não para todos.

"Deixem o Jünger em paz"

Ernst Jünger (1895-1998) é, para o presidente do CCB, António Mega Ferreira, "um dos casos mais fascinantes e enigmáticos". Herói da I Guerra Mundial, foi o mais jovem oficial a receber a mais alta condecoração, a Pour le Mérite, em 1918, e durante a década seguinte ligou-se aos meios da extrema-direita alemã, escrevendo um livro, "Tempestades de Aço", que "pode ser lido como uma exaltação da guerra".

E, no entanto, diz Mega - que, no ciclo, fará uma sessão sobre "O Caso Jünger" - "ele nunca é um nazi", apesar de também nunca condenar publicamente a ideologia nazi. Enquanto os outros intelectuais deixavam o país, Jünger não só se manteve no Exército alemão como fez parte das forças de ocupação de França. "Permaneceu em Paris durante os anos da guerra e frequentou, sem visível incómodo, quer os seus camaradas de armas do Exército de ocupação, quer intelectuais como Jean Cocteau". Curiosamente foi também, durante esse período, próximo de oficiais envolvidos na Operação Valquíria - embora não haja indício de que tivesse tido conhecimento prévio dela.

Jünger consegue este feito de, em 1939, quando é mobilizado para servir na Wehrmacht, estar a escrever "Sobre as Falésias de Mármore", livro "que, uma vez publicado, é lido como alegoria crítica do nazismo". E consegue o feito maior de sobreviver no meio de tudo isto. "Quando o livro sai, conta-se que altos responsáveis nazis vão ter com Hitler e dizem-lhe que a obra tem que ser proibida, ao que ele terá respondido: 'dDeixem o Jünger em paz'".

Mais tarde, já no final da guerra, quando as opiniões sobre Jünger se dividem entre os que o defendem e os que o acusam de ter pactuado com o nazismo, mais uma vez "conta-se que terão dito ao [dramaturgo] Bertolt Brecht que era preciso denunciar o Jünger e que ele terá dito: 'Deixem o Jünger em paz'". Verdadeira ou não, a história é significativa. "A obra dele, que fala largamente sobre a tirania, é sempre lida nesta fronteira: há quem diga que foi um resistente no interior, e quem o acuse de ter pactuado com o regime".

No seu diário, enquanto escreve "As Falésias de Mármore", Jünger manifesta um desejo impossível: que o livro não seja lido como alegoria do nazismo. Terá também dito que quando o escreveu "não estava a pensar em Hitler, mas em alguma coisa mais terrível que Hitler". O livro é, para Mega Ferreira, "uma obra que está, como ele pretendia, fora do tempo". E, se o autor foi protegido, "é porque ambos os lados eram sensíveis ao facto de ele ser um extraordinário escritor".

Poderemos exigir a um intelectual que, para além de ser brilhante, seja consequente? Que os seus actos correspondam às (que imaginamos serem) suas ideias? "Não. Aos intelectuais não se pode exigir nada. Há que julgá-los e avaliá-los por diversos parâmetros, um dos quais é a exigência cívica. Mas não se lhes pode impor nada. Senão caímos nos intelectuais orgânicos, ao serviço de um partido ou de uma causa. Não se pode".

"O amor vence o nojo"

Tão - ou mais - difícil de compreender é a história de amor entre Hannah Arendt e Martin Heidegger. "Tenho mais perplexidades que respostas", confessa João Paulo Cotrim, que no dia 12 apresenta no CCB uma sessão sobre a correspondência entre o filósofo e a aluna, que viria mais tarde a tornar-se uma estudiosa do totalitarismo e uma teórica daquilo a que chamou "a banalidade do mal" a propósito, precisamente, do nazismo.

"Se esta fosse apenas uma história de amor entre um professor com 35 anos e uma jovem com 18, seria igual a muitas que acontecem todos os dias nas universidades", diz. "A questão é que ela é judia, e ele tem um pensamento filosófico que se aproxima muito do nazismo puro. Ele é nazi antes do nazismo".

Por improvável que isso pareça, "a questão judia só é aflorada uma vez" nas cartas apaixonadas que os dois trocam durante grande parte das suas vidas - numa primeira fase no início da relação, numa segunda quando se reencontram nos anos 50 por iniciativa de Hannah e numa terceira em que a correspondência se torna mais "técnica, já no final da vida [ela, apesar de mais nova, morre um ano antes dele, em 1975]. É ela quem o procura nos anos 50 [já depois da guerra], e a paixão reacende-se quando ele volta a escrever-lhe cartas de amor extraordinárias".

Hannah Arendt sabia - era impossível não o saber - que Heidegger pertencera ao Partido Nazi, e que, enquanto reitor da Universidade de Freiburg, cargo que aceitou em 1933, afastara alunos judeus das suas aulas e recusava-se a falar com colegas judeus. Mas isso não a impediu, até ao fim da vida, de o defender.

"Por paradoxal que pareça, a resposta pode estar mesmo no amor", acredita Cotrim. "Ela pode ter achado que [a ligação ao nazismo] foi um pecadilho, e que ele, como filósofo, devia viver retirado do mundo". A única explicação para entender esta relação é que "ela coloca-o fora da questão do nazismo, vendo-o como um velho filósofo por quem se apaixonou". E, assim, "o amor vence o nojo".

A perda da inocência

E será que a arte também vence o nojo? Somos capazes, ao ler as obras de Jünger e de Heidegger ou ao ver os filmes de Leni Riefenstahl, de esquecer as suas ideias e de os ver apenas como excepcionais pensadores ou artistas?

Mega Ferreira separa os casos. Admirador de Jünger, sente-se "agoniado" perante os filmes da mulher que não só ajudou a construir a estética nazi como se tornou, ela própria, ícone do Terceiro Reich. "São filmes horrorosamente belos. Mas, pessoalmente, não consigo ultrapassar a repulsa. Irrita-me ainda mais porque são muito bem feitos, são muito bem lidas as influências, nomeadamente as do cinema soviético dos primeiros tempos, e postas ao serviço de uma ideologia horrível como a nazi".

Não se passa o mesmo com Wagner, por exemplo. "Há uma apropriação do Wagner pelo nazismo. É evidente que há nele determinados traços, até alguns de anti-semitismo. Há, sobretudo, uma exaltação da germanidade. Mas não podemos esquecer que Hitler sobe ao poder 50 anos depois da morte de Wagner. Não acho possível tentar retrospectivamente encontrar nele as raízes do nazismo".

A música é, por outro lado, uma arte diferente do cinema ou da literatura. "Não estamos num universo com um código de leitura imediato. Gosto imenso da música de Wagner e não considero que isso corresponda a alguma espécie de mal. Os milhões de wagnerianos que existem no mundo não são nazis".

A arte (a pouca verdadeira que sobreviveu à visão nazi da cultura como instrumento da ideologia nacional-socialista) estará assim - como o amor - para lá do horror? "Depois do Holocausto", lembra João Paulo Cotrim, "perdeu-se a inocência em relação ao papel da arte na sociedade. Era suposto ela fazer-nos melhores. E não é necessariamente assim".



ID: 23702050

04-02-2009

Ciclo “Nazismo e Cultura” inclui ópera, cinema, exposições e conferências

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo “O Nazismo e a Cultura: Confrontações”, no Centro Cultural de Belém (CCB). A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera “Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte” (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto. Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento. Trata-se de uma produção

do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos. João Paulo Cotrim recordou que “O Imperador de Atlântida” foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração “modelo” do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer. Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados. A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o

mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele. “Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi”, salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural. A partir desta ópera “tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura”. O ciclo começa com a conferência “Atlantikwall”, por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB. Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição “Atlantikwall - A Arqui-

tectura do Medo”, criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pireneus. Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre “Thomas Mann, uma voz dissidente”, António Mega Ferreira, sobre “O Caso Jünger”, leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi. No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro “Verboten/Nicht Verboten” (Proibido/Não Proibido), interpretan-



do obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas. Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde “Noite e Nevoeiro”, de Alain Resnais, “O Ovo da Serpente”, de Ingmar

Bergman (1977), “A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl”, de Ray Müller (1993), e “O Triunfo da Vontade”, película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935). Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

País Positivo.org , 04-02-2009

Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências no CCB

04-Fev-2009

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de amanhã (5) no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém.

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

Renascença.pt , 04-02-2009

"Nazismo e Cultura" no CCB

Ciclo

04-02-2009 6:20

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de dia 5 no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

Devido ao seu carácter anti-bélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas.

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Cx

RFM Online.pt , 04-02-2009

"Nazismo e Cultura" no CCB

04-02-2009 6:20

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de dia 5 no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

Devido ao seu carácter anti-bélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas.

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Diário Digital.pt , 03-02-2009

CCB: Nazismo «pode voltar», diz João Paulo Cotrim

terça-feira, 3 de Fevereiro de 2009 | 09:07

O ciclo O Nazismo e a Cultura: Confrontações, que começa quinta-feira no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, servirá para levantar junto do público questões como: a cultura pode ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?.

Esta é uma das interrogações lançada pelo consultor do ciclo, João Paulo Cotrim que, em declarações à Agência Lusa, sublinhou a importância de reflectir sobre uma realidade histórica da qual, infelizmente, não estamos livres de nos voltar a acontecer.

Filmes, uma exposição sobre a arquitectura nazi, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração, vão ser apresentados no âmbito deste projecto do CCB que decorre até 01 de Março.

Sobre a forma como lidaram as figuras da cultura alemã durante o regime nazi, João Paulo Cotrim citou os casos de criadores que combateram o regime, como Viktor Ullmann e Peter Kien, que acabaram por ser executados, e, por outro lado, da polémica actriz e realizadora Leni Riefenstahl, cujo génio foi considerado crucial para a ascensão do regime.

Quando a cultura é dominada pela política, deixa de ser cultura e passa a ser propaganda?, é outras das questões que o consultor do ciclo considera que deve ser suscitada e debatida. Por outro lado, comentou que talvez este tenha sido o momento histórico em que a cultura terá perdido a inocência: aqui se verificou como uma nação com um povo culto ficou na histórica como palco de uma barbárie. Afinal, um homem culto poderia ser, ao mesmo tempo, apreciador de Schumann [compositor] e dar ordens para queimar seres humanos.

Além do extermínio de seres humanos, é assustador como um país culto consegue destruir parte do seu património por um determinado delírio, comentou ainda sobre os 20 mil livros queimados e outras obras de arte, como escultura e pintura, destruídas por serem consideradas degeneradas.

Questionado sobre o impacto do regime na cultura portuguesa na época, João Paulo Cotrim observou que, apesar do nazismo ter contribuído para um fechamento cultural na Alemanha, em Portugal pode ter contribuído para uma abertura, devido ao cosmopolitismo que se viveu, sobretudo na capital. Com a posição simpatizante do regime, mas oficialmente neutra de Salazar, Lisboa foi ponto de passagem de milhares de pessoas fugidas ao regime nazi.

O ciclo O Nazismo e a Cultura: Confrontações inclui a apresentação, a 7 e 8 de Fevereiro, da ópera Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien. A Orquestra de Câmara Portuguesa tocará, a 15 de Fevereiro, Verboten/Nicht Verboten (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento, com a exibição de seis filmes, que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde Noite e Nevoeiro, de Alain Resnais, O Ovo da Serpente, de Ingmar Bergman (1977), A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl, de Ray Müller (1993), e O Triunfo da Vontade, película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Diário Digital / Lusa

Diário Digital.pt , 03-02-2009

CCB: Ciclo «Nazismo e Cultura» arranca quinta-feira

terça-feira, 3 de Fevereiro de 2009 | 08:59

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo O Nazismo e a Cultura: Confrontações, no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdição da Morte (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento. Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que O Imperador de Atlântida foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração modelo do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer. Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele. Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi, salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura.

O ciclo começa com a conferência Atlantikwall, por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB. Uma hora mais tarde, é inaugurada a exposição Atlantikwall - A Arquitectura do Medo, criada por José Froján e María Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre Thomas Mann, uma voz dissidente, António Mega Ferreira, sobre O Caso Jünger, leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro Verboten/Nicht Verboten (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas. Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde Noite e Nevoeiro, de Alain Resnais, O Ovo da Serpente, de Ingmar Bergman (1977), A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl, de Ray Müller (1993), e O Triunfo da Vontade, película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935). Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

Diário Digital / Lusa

Expresso.pt , 03-02-2009

CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências (c/áudio)

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

Lusa

7:00Terça-feira, 3 de Fev de 2009

*** Serviço áudio disponível em www.lusa.pt ***

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

AG.

Lusa/Fim

Expresso.pt , 03-02-2009

CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim (c/áudio)

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", que começa quinta-feira no Centro Cultural de Belém (CCB), servirá para levantar junto do público questões como: "a cultura pode ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?".

Lusa

7:00Terça-feira, 3 de Fev de 2009

*** Serviço áudio disponível em www.lusa.pt ***

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", que começa quinta-feira no Centro Cultural de Belém (CCB), servirá para levantar junto do público questões como: "a cultura pode ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?".

Esta é uma das interrogações lançada pelo consultor do ciclo, João Paulo Cotrim que, em declarações à Agência Lusa, sublinhou a importância de reflectir sobre uma realidade histórica "da qual, infelizmente, não estamos livres de nos voltar a acontecer".

Filmes, uma exposição sobre a arquitectura nazi, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração, vão ser apresentados no âmbito deste projecto do CCB que decorre até 01 de Março.

Sobre a forma como lidaram as figuras da cultura alemã durante o regime nazi, João Paulo Cotrim citou os casos de criadores que combateram o regime, como Viktor Ullmann e Peter Kien, que acabaram por ser executados, e, por outro lado, da polémica actriz e realizadora Leni Riefenstahl, cujo génio foi considerado crucial para a ascensão do regime.

"Quando a cultura é dominada pela política, deixa de ser cultura e passa a ser propaganda?", é outras das questões que o consultor do ciclo considera que deve ser suscitada e debatida.

Por outro lado, comentou que talvez este tenha sido o momento histórico em que a cultura terá perdido a inocência: "aqui se verificou como uma nação com um povo culto ficou na histórica como palco de uma barbárie. Afinal, um homem culto poderia ser, ao mesmo tempo, apreciador de Schumann [compositor] e dar ordens para queimar seres humanos".

"Além do extermínio de seres humanos, é assustador como um país culto consegue destruir parte do seu património por um determinado delírio", comentou ainda sobre os 20 mil livros queimados e outras obras de arte como escultura e pintura destruídas por serem consideradas degeneradas.

Questionado sobre o impacto do regime na cultura portuguesa na época, João Paulo Cotrim observou que, apesar do nazismo ter contribuído para um fechamento cultural na Alemanha, em Portugal "pode ter contribuído para uma abertura devido ao cosmopolitismo que se viveu, sobretudo na capital".

Com a posição simpatizante do regime mas oficialmente neutra de Salazar, Lisboa foi ponto de passagem de milhares de pessoas fugidas ao regime nazi.

O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações" inclui a apresentação, a 07 e 08 de Fevereiro, da ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien.

A Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

AG.

Lusa/Fim

Lusa.pt , 03-02-2009

CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências

03 de Fevereiro de 2009, 07:00

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

AG.

Lusa/Fim

Lusa.pt , 03-02-2009

CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim

03 de Fevereiro de 2009, 07:00

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", que começa quinta-feira no Centro Cultural de Belém (CCB), servirá para levantar junto do público questões como: "a cultura pode ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?".

Esta é uma das interrogações lançada pelo consultor do ciclo, João Paulo Cotrim que, em declarações à Agência Lusa, sublinhou a importância de reflectir sobre uma realidade histórica "da qual, infelizmente, não estamos livres de nos voltar a acontecer".

Filmes, uma exposição sobre a arquitectura nazi, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração, vão ser apresentados no âmbito deste projecto do CCB que decorre até 01 de Março.

Sobre a forma como lidaram as figuras da cultura alemã durante o regime nazi, João Paulo Cotrim citou os casos de criadores que combateram o regime, como Viktor Ullmann e Peter Kien, que acabaram por ser executados, e, por outro lado, da polémica actriz e realizadora Leni Riefenstahl, cujo génio foi considerado crucial para a ascensão do regime.

"Quando a cultura é dominada pela política, deixa de ser cultura e passa a ser propaganda?", é outras das questões que o consultor do ciclo considera que deve ser suscitada e debatida.

Por outro lado, comentou que talvez este tenha sido o momento histórico em que a cultura terá perdido a inocência: "aqui se verificou como uma nação com um povo culto ficou na histórica como palco de uma barbárie. Afinal, um homem culto poderia ser, ao mesmo tempo, apreciador de Schumann [compositor] e dar ordens para queimar seres humanos".

"Além do extermínio de seres humanos, é assustador como um país culto consegue destruir parte do seu património por um determinado delírio", comentou ainda sobre os 20 mil livros queimados e outras obras de arte como escultura e pintura destruídas por serem consideradas degeneradas.

Questionado sobre o impacto do regime na cultura portuguesa na época, João Paulo Cotrim observou que, apesar do nazismo ter contribuído para um fechamento cultural na Alemanha, em Portugal "pode ter contribuído para uma abertura devido ao cosmopolitismo que se viveu, sobretudo na capital".

Com a posição simpatizante do regime mas oficialmente neutra de Salazar, Lisboa foi ponto de passagem de milhares de pessoas fugidas ao regime nazi.

O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações" inclui a apresentação, a 07 e 08 de Fevereiro, da ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien.

A Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

AG.

Lusa/Fim

**CCB**

Ciclo "Nazismo e Cultura" até Março

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos, a partir de quinta-feira, no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte", de 1944, composta por Viktor Ullmann, como explicou à agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane.

Na quinta-feira é, também, inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, com 33 fotografias de edificações criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Público.pt , 03-02-2009

Lisboa: ciclo "Nazismo e Cultura" começa na quinta-feira no CCB

A iniciativa decorre durante o mês de Fevereiro

03.02.2009 - 09h10Lusa

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera estreou-se em Portugal na versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos do convento.

A produção está a cargo do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã. A música será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

A cultura e a política

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da antiga Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar a realidade que a cercava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

Para Cotrim este ciclo é um espaço de reflexão que quer dar respostas a questões como: "Pode a cultura ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?" ou "Quando a cultura é dominada pela política, deixa de ser cultura e passa a ser propaganda?"

Sobre a forma como lidaram as figuras da cultura alemã durante o regime nazi, João Paulo Cotrim citou os casos de criadores, como Viktor Ullmann e Peter Kien, que acabaram por ser executados pela sua oposição ao regime, mas também lembrou que o génio da polémica atriz e realizadora Leni Riefenstahl, foi considerado crucial para a ascensão do regime.

Por isso, esta época, foi para Cotrim, o marcar da perda da inocência: "aqui se verificou como uma nação como um povo culto ficou na História como palco de uma barbárie. Afinal, um homem culto poderia ser, ao mesmo tempo, apreciador de Schumann [compositor] e dar ordens para queimar seres humanos". Estas são as razões que levam Cotrim a acreditar que o nazismo é uma realidade "da qual, infelizmente, não estamos livres de nos voltar a acontecer".

Conferências, leituras, música, cinema e exposição

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá assisir à dissertação de Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira sobre "O Caso Jünger" e ouvir ainda a leitura da correspondência entre a intelectual judia, Hannah Arendt e o filósofo alemão, Martin Heidegger, este último que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Será ainda exibido um ciclo de cinema que conta com seis filmes: "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935), "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais (1956),

"O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977) e "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller.

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

RTP Online.pt , 03-02-2009

CCB: Nazismo pode voltar - João Paulo Cotrim

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", que começa quinta-feira no Centro Cultural de Belém (CCB), servirá para levantar junto do público questões como: "a cultura pode ajudar a livrar-nos dos totalitarismos?".

Esta é uma das interrogações lançada pelo consultor do ciclo, João Paulo Cotrim que, em declarações à Agência Lusa, sublinhou a importância de reflectir sobre uma realidade histórica "da qual, infelizmente, não estamos livres de nos voltar a acontecer".

Filmes, uma exposição sobre a arquitectura nazi, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração, vão ser apresentados no âmbito deste projecto do CCB que decorre até 01 de Março.

Sobre a forma como lidaram as figuras da cultura alemã durante o regime nazi, João Paulo Cotrim citou os casos de criadores que combateram o regime, como Viktor Ullmann e Peter Kien, que acabaram por ser executados, e, por outro lado, da polémica actriz e realizadora Leni Riefenstahl, cujo génio foi considerado crucial para a ascensão do regime.

"Quando a cultura é dominada pela política, deixa de ser cultura e passa a ser propaganda?", é outras das questões que o consultor do ciclo considera que deve ser suscitada e debatida.

Por outro lado, comentou que talvez este tenha sido o momento histórico em que a cultura terá perdido a inocência: "aqui se verificou como uma nação com um povo culto ficou na histórica como palco de uma barbárie. Afinal, um homem culto poderia ser, ao mesmo tempo, apreciador de Schumann [compositor] e dar ordens para queimar seres humanos".

"Além do extermínio de seres humanos, é assustador como um país culto consegue destruir parte do seu património por um determinado delírio", comentou ainda sobre os 20 mil livros queimados e outras obras de arte como escultura e pintura destruídas por serem consideradas degeneradas.

Questionado sobre o impacto do regime na cultura portuguesa na época, João Paulo Cotrim observou que, apesar do nazismo ter contribuído para um fechamento cultural na Alemanha, em Portugal "pode ter contribuído para uma abertura devido ao cosmopolitismo que se viveu, sobretudo na capital".

Com a posição simpatizante do regime mas oficialmente neutra de Salazar, Lisboa foi ponto de passagem de milhares de pessoas fugidas ao regime nazi.

O ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações" inclui a apresentação, a 07 e 08 de Fevereiro, da ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien.

A Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

AG.

Lusa/Fim

© 2009 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A.

2009-02-03 07:05:01

RTP Online.pt , 03-02-2009

CCB: Ciclo "Nazismo e Cultura" inclui ópera, cinema, exposições e conferências

Lisboa, 03 Fev (Lusa) - Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18:00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jünger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Müller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

AG.

Lusa/Fim

© 2009 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A.

2009-02-03 07:05:03

Sic Online.pt , 03-02-2009

Ciclo "Nazismo e Cultura" no CCB até 1 de Março

Publicação: 03-02-2009 08:14 | Última actualização: 03-02-2009 08:28 Ópera, cinema, exposições e conferências

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo "O Nazismo e a Cultura: Confrontações", no Centro Cultural de Belém (CCB).

Lusa

A iniciativa decorre até 1 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera "Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte" (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que "O Imperador de Atlântida" foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração "modelo" do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

"Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi", salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera "tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura".

O ciclo começa com a conferência "Atlantikwall", por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição "Atlantikwall - A Arquitectura do Medo", criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre "Thomas Mann, uma voz dissidente", António Mega Ferreira, sobre "O Caso Jnger", leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro "Verboten/Nicht Verboten" (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde "Noite e Nevoeiro", de Alain Resnais, "O Ovo da Serpente", de Ingmar Bergman (1977), "A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl", de Ray Miller (1993), e "O Triunfo da Vontade", película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

Sol.pt , 03-02-2009

Ciclo 'Nazismo e Cultura' inclui ópera, cinema, exposições e conferências

CCB

Filmes, exposições, um concerto, conferências e uma ópera criada num campo de concentração vão ser exibidos a partir de quinta-feira no ciclo O Nazismo e a Cultura: Confrontações, no Centro Cultural de Belém (CCB)

A iniciativa decorre até 01 de Março e estrutura-se sobretudo sobre a ópera Der Kaiser von Atlantis/O Imperador de Atlântida ou a Abdicação da Morte (1944), composta por Viktor Ullmann, com libreto de Peter Kien, explicou à Agência Lusa João Paulo Cotrim, consultor do CCB para este projecto.

Esta ópera teve a sua estreia em Portugal em versão original e integral em Setembro de 2008 no Convento dos Capuchos, em Almada, no âmbito das comemorações dos 450 anos daquele monumento.

Trata-se de uma produção do Ginásio Ópera, com encenação e concepção cénica de João Maria de Freitas Branco, que também traduziu o original em língua alemã, e será interpretada pela Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera e pelo corpo de baile Associação Gestos.

João Paulo Cotrim recordou que O Imperador de Atlântida foi inicialmente escrita por Viktor Ullmann para ser interpretada em Theresienstadt, considerado um campo de concentração 'modelo' do norte da Checoslováquia, o que não chegou a acontecer.

Devido ao seu carácter antibélico e anti-hitleriano, foi proibida pelas autoridades do campo e os autores - Ullmann e Peter Kien - foram transferidos para Auschwitz, onde foram executados.

A ópera narra a história de um homem poderoso que pretende dominar o mundo através da guerra, mas vê os seus planos ameaçados porque até a Morte se recusa a colaborar com ele.

Esta ópera cumpriu na altura o seu papel de questionar uma realidade que a circundava. No caso, a horrível realidade do regime nazi, salientou João Paulo Cotrim sobre a obra e o seu papel histórico e cultural.

A partir desta ópera tentou-se estruturar um ciclo com várias linguagens e perspectivas, com momentos musicais, conversas, conferências e uma exposição de fotografias sobre arquitectura.

O ciclo começa com a conferência Atlantikwall, por Alberto Ruiz de Samaniego, director da Fundación Luis Seoane, pelas 18h00, na Sala de Leitura do CCB.

Uma hora mais tarde é inaugurada a exposição Atlantikwall - A Arquitectura do Medo, criada por José Froján e Maria Fernández Rebullido, também da Fundación Luis Seoane, com 33 fotografias de edificações em betão armado criadas entre 1941 e 1944 pelos exércitos de ocupação do III Reich desde a Escandinávia até aos Pirinéus.

Nas conferências, o público poderá ouvir Teresa Serudya sobre Thomas Mann, uma voz dissidente, António Mega Ferreira, sobre O Caso Jünger, leitura de correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, sobre a relação entre a intelectual judia e o filósofo alemão que manteve um estreito contacto com o regime nazi.

No âmbito do ciclo, a Orquestra de Câmara Portuguesa tocará a 15 de Fevereiro Verboten/Nicht Verboten (Proibido/Não Proibido), interpretando obras de Hartmann, Strauss, Klein, Wagner e Haas.

Um ciclo de cinema atravessará o evento com a exibição de seis filmes que percorrem um período desde 1955 até 1993, desde Noite e Nevoeiro, de Alain Resnais, O Ovo da Serpente, de Ingmar Bergman (1977), A Vida Maravilhosa e Horrível de Leni Riefenstahl, de Ray Müller (1993), e O Triunfo da Vontade, película histórica da polémica realizadora Leni Riefenstahl (1935).

Este ciclo é comissariado pelo crítico de cinema João Lopes.

Lusa/SOL

Público.pt , 02-02-2009

O Imperador de Atlantis

Depois da estreia no Convento dos Capuchos (Almada), no ano passado, "O Imperador de Atlantis" é apresentado em Lisboa pela Orquestra do Ginásio Ópera, na sua versão integral e original. Está em cena no CCB nos dias 7 e 8 de Fevereiro, como parte do ciclo "O Nazismo e A Cultura: Confrontações".

Com o título original "Der Kaiser von Atlantis", foi composta por Viktor Ullman e tem libreto de Peter Kien. O tema pacifista resulta do contexto da criação. A ópera foi concebida em 1944, quando os dois artistas se encontravam detidos no campo de concentração nazi de Terezín (actual República Checa), onde pretendiam apresentar a obra. O espectáculo chegou a ser ensaiado, mas acabou por ser cancelado pelas autoridades alemãs. Os autores seriam transferidos para Auschwitz (Polónia), onde viriam a falecer sem nunca verem a sua transposição para o palco. A estreia só aconteceu em 1975, em Amesterdão (Holanda).

Com direcção musical de Jean Sebastien Bereau e encenação de João Maria de Freitas Branco, a ópera conta com as vozes de José Corvelo, Pedro Correia, João Oliveira, Teresa Cardoso de Menezes, Madalena Paiva Boléo e Maria João Alves.

PUBLICICO.PT

TELEFONE

213612400

LOCAL

Lisboa, Centro Cultural de Belém - Praça do Império

HORARIOS

De 07-02-2009 a 08-02-2009

Sábado às 21h00

Domingo às 16h00

PREÇO

17? a 20? (sujeito a descontos).

OBSERVAÇÕES

No Pequeno Auditório. Ciclo O Nazismo e A Cultura: Confrontações. M/12.

COMPOSITOR/ES

Vicktor Ullman

ENCENADOR/ES

João Maria de Freitas Branco

INTÉRPRETE/S

Corpo de Baile Associação Gestos

ORQUESTRA/S

Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera

SOLISTA/S

Teresa Cardoso de Menezes (soprano), Pedro Correia (barítono), Madalena Paiva Boléo (meio-soprano), José Corvelo (barítono), João Oliveira (baixo), Mário João Alves (tenor)

DIRECÇÃO MUSICAL

Jean Sebastian Bereau

Se algum destes dados não estiver correcto,.

Público.pt , 30-01-2009

O Imperador de Atlantis

Depois da estreia no Convento dos Capuchos (Almada), no ano passado, "O Imperador de Atlantis" é apresentado no CCB (Lisboa), pela Orquestra do Ginásio Ópera, na sua versão integral e original. Está em cena nos dias 7 e 8 de Fevereiro, como parte do ciclo "O Nazismo e A Cultura: Confrontações".

Com o título original "Der Kaiser von Atlantis", foi composta por Vicktor Ullman e tem libreto de Peter Kien. O tema pacifista resulta do contexto da criação. A ópera foi concebida em 1944, quando os dois artistas se encontravam detidos no campo de concentração nazi de Theresienstadt (actual República Checa), onde pretendiam apresentar a obra. O espectáculo chegou a ser ensaiado, mas acabou por ser cancelado pelas autoridades alemãs. Os autores seriam transferidos para Auschwitz (Polónia), onde viriam a falecer sem nunca verem a sua transposição para o palco. A estreia só aconteceu em 1975, em Amesterdão (Holanda).

Com direcção musical de Jean Sebastien Bereau e encenação de João Maria de Freiras Branco, a ópera conta com as vozes de José Corvelo, Pedro Correia, João Oliveira, Teresa Cardoso de Menezes, Madalena Paiva Boléo e Maria João Alves.

PUBLICICO.PT

TELEFONE

213612400

LOCAL

Lisboa, Centro Cultural de Belém - Praça do Império

HORARIOS

De 07-02-2009 a 08-02-2009

Sábado às 21h00

Domingo às 16h00

PREÇO

17? a 20? (sujeito a descontos).

OBSERVAÇÕES

No Pequeno Auditório. Ciclo O Nazismo e A Cultura: Confrontações. M/12.

COMPOSITOR/ES

Vicktor Ullman

ENCENADOR/ES

João Maria de Freitas Branco

INTÉRPRETE/S

Corpo de Baile Associação Gestos

ORQUESTRA/S

Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera

SOLISTA/S

Teresa Cardoso de Menezes (soprano), Pedro Correia (barítono), Madalena Paiva Boléo (meio-soprano), José Corvelo (barítono), João Oliveira (baixo), Mário João Alves (tenor)

DIRECÇÃO MUSICAL

Jean Sebastian Bereau

Se algum destes dados não estiver correcto,.

Público.pt , 30-01-2009

O Imperador de Atlantis

Depois da estreia no Convento dos Capuchos (Almada), no ano passado, "O Imperador de Atlantis" é apresentado no CCB (Lisboa), pela Orquestra do Ginásio Ópera, na sua versão integral e original. Está em cena nos dias 7 e 8 de Fevereiro, como parte do ciclo "O Nazismo e A Cultura: Confrontações".

Com o título original "Der Kaiser von Atlantis", foi composta por Vicktor Ullman e tem libreto de Peter Kien. O tema pacifista resulta do contexto da criação. A ópera foi concebida em 1944, quando os dois artistas se encontravam detidos no campo de concentração nazi de Theresienstadt (actual República Checa), onde pretendiam apresentar a obra. O espectáculo chegou a ser ensaiado, mas acabou por ser cancelado pelas autoridades alemãs. Os autores seriam transferidos para Auschwitz (Polónia), onde viriam a falecer sem nunca verem a sua transposição para o palco. A estreia só aconteceu em 1975, em Amesterdão (Holanda).

Com direcção musical de Jean Sebastien Bereau e encenação de João Maria de Freitas Branco, a ópera conta com as vozes de José Corvelo, Pedro Correia, João Oliveira, Teresa Cardoso de Menezes, Madalena Paiva Boléo e Maria João Alves.

PUBLICICO.PT

TELEFONE

213612400

LOCAL

Lisboa, Centro Cultural de Belém - Praça do Império

HORARIOS

De 07-02-2009 a 08-02-2009

Sábado às 21h00

Domingo às 16h00

PREÇO

17? a 20? (sujeito a descontos).

OBSERVAÇÕES

No Pequeno Auditório. Ciclo O Nazismo e A Cultura: Confrontações. M/12.

COMPOSITOR/ES

Vicktor Ullman

ENCENADOR/ES

João Maria de Freitas Branco

INTÉRPRETE/S

Corpo de Baile Associação Gestos

ORQUESTRA/S

Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera

SOLISTA/S

Teresa Cardoso de Menezes (soprano), Pedro Correia (barítono), Madalena Paiva Boléo (meio-soprano), José Corvelo (barítono), João Oliveira (baixo), Mário João Alves (tenor)

DIRECÇÃO MUSICAL

Jean Sebastian Bereau

Se algum destes dados não estiver correcto,.

Público.pt , 28-01-2009

O Imperador de Atlantis

Depois da estreia no Convento dos Capuchos (Almada), no ano passado, "O Imperador de Atlantis" é apresentado no CCB (Lisboa), pela Orquestra do Ginásio Ópera, na sua versão integral e original. Está em cena nos dias 7 e 8 de Fevereiro, como parte do ciclo "O Nazismo e A Cultura: Confrontações".

Com o título original "Der Kaiser von Atlantis", foi composta por Vicktor Ullman e tem libreto de Peter Kien. O tema pacifista resulta do contexto da criação. A ópera foi concebida em 1944, quando os dois artistas se encontravam detidos no campo de concentração nazi de Theresienstadt (actual República Checa), onde pretendiam apresentar a obra. O espectáculo chegou a ser ensaiado, mas acabou por ser cancelado pelas autoridades alemãs. Os autores seriam transferidos para Auschwitz (Polónia), onde viriam a falecer sem nunca verem a sua transposição para o palco. A estreia só aconteceu em 1975, em Amesterdão (Holanda).

Com direcção musical de Jean Sebastien Bereau e encenação de João Maria de Freiras Branco, a ópera conta com as vozes de José Corvelo, Pedro Correia, João Oliveira, Teresa Cardoso de Menezes, Madalena Paiva Boléo e Maria João Alves.

PUBLICICO.PT

TELEFONE

213612400

LOCAL

Lisboa, Centro Cultural de Belém - Praça do Império

HORARIOS

De 07-02-2009 a 08-02-2009

Sábado às 21h00

Domingo às 16h00

PREÇO

17? a 20? (sujeito a descontos).

OBSERVAÇÕES

No Pequeno Auditório. Ciclo O Nazismo e A Cultura: Confrontações. M/12.

COMPOSITOR/ES

Vicktor Ullman

ENCENADOR/ES

João Maria de Freitas Branco

ORQUESTRA/S

Orquestra de Câmara do Ginásio Ópera

SOLISTA/S

Teresa Cardoso de Menezes (soprano), Pedro Correia (barítono), Madalena Paiva Boléo (meio-soprano), José Corvelo (barítono), João Oliveira (baixo), Mário João Alves (tenor)

DIRECÇÃO MUSICAL

Jean Sebastian Bereau

Se algum destes dados não estiver correcto,.